



CHARLIE NITBERG/ALP

③ **porém, que esta ideologia seja uma moda passageira. Por que acha isso?**

Em muitas escolas nos EUA, os professores vão a salas de aula onde as crianças têm de 6 a 8 anos e as dividem em diferentes grupos por raça, encorajando-as a se verem como seres raciais. No auge da pandemia, o Centro de Controle de Doenças (CDC, sigla para *Center for Diseases Control*) rejeitou a ideia de distribuir vacinas com base na idade, o que teria salvado vidas, porque estava preocupado com o fato de os americanos mais velhos serem desproporcionalmente brancos. Essas ideias, portanto, têm uma influência tremenda em instituições importantes e influentes. Os próximos 20 ou 25 anos na esfera intelectual vão consistir, em parte significativa, numa disputa sobre a aceitação ou não destas ideias. Os alunos a quem dou aulas são pessoas dispostas a ter uma conversa séria sobre os problemas. Acreditam, porém, fortemente nesta ideologia, porque sempre estiveram imersos nessas ideias durante toda sua educação. Foram ensinados que a liberdade de expressão é um valor que deve ser encarado com ceticismo. Foram ensinados que qualquer coisa que possa ser chamada de apropriação cultural é uma coisa amoral que deve ser evitada. Foram encorajados a ver o reconhecimento na sociedade, em grande parte, baseado na intersecção particular de identidades às quais per-

tencem e a pensar que as ideias do movimento pelos direitos civis nos EUA nunca tiveram o poder institucional que a síntese identitária alcançou nos últimos anos. É por isso que a analogia com os radicais dos anos 1960 é enganosa.

**O senhor vê influência dessas ideias nas manifestações de apoio ao Hamas que explodiram nas universidades dos EUA depois dos ataques terroristas a Israel de 7 de outubro?**

A repercussão dos ataques do Hamas ilustra a influência perniciosa da síntese identitária em dois aspectos específicos. O primeiro é que as universidades nos EUA, em particular, começaram a tornar-se atores políticos parciais que expressam opiniões políticas como instituições sobre todos os tipos de questões, desde a guerra na Ucrânia até a última decisão da Suprema Corte. Mas, de repente, após o maior massacre de civis judeus desde o Holocausto, elas não estavam dispostas a fazer uma declaração semelhante. Isso foi corretamente visto como uma falha moral significativa. O segundo aspecto é que as categorias ideológicas básicas da síntese identitária ajudam a explicar o raciocínio das pessoas que especificamente não condenaram o Hamas e, em alguns casos, celebraram explicitamente o ataque terrorista perpetrado em 7 de outubro. Essas pessoas veem o mundo como dividido num grupo de brancos,

de um lado, e de pessoas de cor, do outro; ou entre colonizadores versus colonizados. E acreditam que é impossível ser racista ou fazer algo errado contra um membro do grupo dominante. Quando aplicam essas ideias a este conflito, acabam por afirmar que os israelenses são brancos, colonizadores e, portanto, qualquer forma de resistência contra eles, mesmo que consista no assassinato de bebês ou avós, é justificável. Essa é uma simplificação absurda, como qualquer pessoa que conheça um pouco a história do Oriente Médio deve reconhecer. Vários dos judeus em Israel são de origem Mizrahi (*termo usado para os judeus oriundos de países do Oriente Médio e do Norte da África*). Etnicamente, eles não são visivelmente distintos dos palestinos. Eles não têm, em média, a pele mais clara do que os palestinos e foram expulsos de seus países de origem ao longo dos últimos 75 anos, sem ter para onde ir além de Israel. Então, eu acho que para as pessoas que acabaram celebrando o Hamas, especialmente os escritores, artistas e professores que não têm nenhuma ligação pessoal com a área, essa ideologia ajuda a explicar como elas cometeram essa imoralidade.

**Por que o senhor diz que, em oposição à 'síntese identitária', é preciso reafirmar a defesa dos valores universais e do liberalismo? Vê conexão entre a ascensão das ideias identitárias com a defesa do 'liberalismo' feito por autocratas como Vladimir Putin, na Rússia, ou Viktor Orbán, na Hungria?**

Richard Delgado, um dos autores de *Teoria Crítica da Raça*, na introdução ao livro, faz a afirmação explícita de que o liberalismo é o maior inimigo. O que os arquitetos dessa ideologia têm em comum com Putin e Orbán é que eles olham os países ocidentais de uma forma catastrófica. Eles erram, porém, ao subestimar a força dessas sociedades e quanto progresso elas fizeram a despeito de seus problemas. Quando você olha os países mais ricos do mundo em renda per capita e com os mais altos índices de desenvolvimento humano, quando vê os países para onde as pessoas gostariam de emigrar, todos são democracias liberais. As democracias liberais funcionam melhor do que sistemas alternativos, como a Rússia, mais pobre, mais politicamente disfuncional, com maiores índices de aborto do que os EUA. Os ideais universais são uma espécie de fundamento da democracia liberal. Foram esses valores – as liberdades individuais, a igualdade política, a autodeterminação coletiva – que nos permitiram fazer

tremendo progresso. Eles devem ser preservados para que continuemos a melhorar.

**Como responde a críticos que alegam que a defesa do liberalismo foi usada para impor um modelo ocidental ao mundo e apontam liberais, que no passado abraçavam o discurso de que todas as pessoas são iguais, mas eram escravistas, colonialistas ou imperialistas?**

Frederick Douglass (*líder abolicionista americano do século 19, considerado o "pai do movimento dos direitos civis" nos EUA*), em um de seus mais importantes discursos, feito em um 4 de Julho (*data da Independência dos EUA*), apontou essa hipocrisia: "Como vocês falam que todos os homens foram criados iguais e ainda há homens que são escravos nesse país?". Ele não disse, porém, que a Declaração de Independência dos EUA ou os princípios universais deveriam ser abandonados, mas que nós deveríamos lutar para que eles fossem aplicados. Então, se desenvolveu uma tradição política nos EUA, que vai de Frederick Douglass a Martin Luther King e a Barack Obama, que permitiu

**"Foi a aspiração aos valores universais que levou à abolição da escravidão e a outras formas de progresso"**

**"Ideologia identitária exacerba tensões sociais e ajuda algumas das mais perigosas forças da extrema direita"**

aumentar vastamente os direitos dos negros americanos. Foi a aspiração aos valores universais que levaram à abolição da escravidão e outras formas significativas de progresso. A alternativa a isso é a proclamação de que nunca fizemos nenhum progresso real, que todos os valores de que estamos falando são apenas uma tentativa de colocar uma venda em nossos olhos, e que devemos rejeitá-los por uma ideia de futuro em que a forma como nós nos tratamos dependerá da identidade do grupo em que você nasceu e que vai encorajar um tipo de conflito que inspire guerras civis e formas ainda piores de violência política. Historicamente, as sociedades ocidentais talvez tenham sido hipócritas em como aplicam alguns desses valores. Mas são valores fundamentalmente aplicáveis aos seres humanos, independentemente do hemisfério em que vivem. Independentemente do que o Brasil pensa de si mesmo, ou como parte do Ocidente, ou do Extre-

mo Ocidente ou do Sul Global, acredito que as pessoas no Brasil desejam a liberdade individual, a autodeterminação coletiva e a igualdade política tanto quanto as pessoas em qualquer outra parte do mundo. As afirmações dos culturalistas de que certas culturas não estão adaptadas à democracia revelaram-se sempre erradas.

**Como criticar a ideologia identitária e não se tornar um reacionário?**

A primeira atitude é ter um compromisso de princípios com os valores universais, que esteja muito atento às formas em que a aplicação desses valores esteja aquém deles. Uma das respostas de princípio à síntese identitária é dizer que é claro que raça e orientação sexual são importantes e que devemos estar conscientes das injustiças, mas, ao estruturar nossas sociedades, outras dimensões também são importantes, incluindo classe social, religião, patriotismo, individualidade, escolhas, preferências e idiossincrasias. A segunda atitude é reconhecer que muitas vezes não vivemos de acordo com os nossos valores. Se quisermos construir uma sociedade melhor, é preciso lutar para transformar esses valores em realidade. É preciso focar a nossa argumentação na maioria das pessoas que é razoável, em vez de tentar atrair os extremistas políticos. Ao escrever esse livro, eu tinha um público em mente. Uma parte dele são as pessoas que se sentem atraídas pela promessa de combater as injustiças da forma mais radical e mostrar a elas como isso é contraproducente. Outra parte são as pessoas que talvez já concordem comigo que esta ideologia é perigosa, mas que até agora só conseguiram recorrer às obras de pessoas de direita que rejeitam o liberalismo para obter uma crítica a essas ideias. Quero mostrar-lhes que é possível enfrentar essa ideologia de uma forma clara, corajosa e franca, sem ter de recorrer a ideias reacionárias.

**Não teme que seu livro seja usado na desmobilização da luta contra injustiças?**

Não se trata de tentar uma mera correção de rumos na síntese identitária. Ela fundamentalmente está indo na direção errada. A melhor forma de lutar contra a ascensão do populismo de extrema direita é também distanciar as principais forças políticas do centro e de esquerda de uma ideologia popular e equivocada. A síntese identitária e o populismo de extrema direita parecem opostos em termos práticos e políticos, mas se alimentam mutuamente. A maneira mais eficaz de lutar contra um é lutar contra o outro ao mesmo tempo. ●